



A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO DE ESTUDANTES AUTISTAS: UMA REVISÃO NARRATIVA

TEACHER TRAINING FROM THE PERSPECTIVE OF INCLUDING AUTISTIC STUDENTS: A NARRATIVE REVIEW

LA FORMACIÓN DE PROFESORES DESDE LA PERSPECTIVA DE LA INCLUSIÓN DE ESTUDIANTES AUTISTAS: UNA REVISIÓN NARRATIVA

Francisca Thanísia de Freitas Falcão¹

e473564

<https://doi.org/10.47820/recima21.v4i7.3564>

PUBLICADO: 07/2023

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo compreender a formação de professores na perspectiva da inclusão de estudantes autistas. A metodologia desse estudo consiste numa revisão da literatura nas bases de dados SciELO, PePSIC e Google Scholar no período de 2017 a 2023, buscando identificar os principais desafios enfrentados pelos professores. A análise resultou em duas categorias: o processo de inclusão de estudantes autistas e a formação de professores. Entre os achados, destaca-se o despreparo dos professores, prejudicando o desempenho e a inclusão desses estudantes na escola. É necessário que os professores tenham uma formação específica para lidar com os estudantes autistas, bem como conhecimento sobre o transtorno e suas características. A pesquisa destaca a importância da formação de professores para garantir uma educação inclusiva e de qualidade para estudantes autistas. Conclui-se que a formação continuada é essencial para que os professores possam lidar com as especificidades dos estudantes autistas e garantir a sua inclusão escolar. Além disso, é importante que as políticas públicas e os gestores escolares invistam na formação dos professores, a fim de garantir uma educação inclusiva e de qualidade para todos os estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de professores. Inclusão escolar. Autismo.

ABSTRACT

This research aimed to understand teacher education from the perspective of the inclusion of autistic students. The methodology of this study consists of a literature review in the SciELO, PePSIC and Google Scholar databases from 2017 to 2023, seeking to identify the main challenges faced by teachers. The analysis resulted in two categories: the process of inclusion of autistic students and the training of teachers. Among the findings, the lack of preparation of teachers stands out, impairing the performance and inclusion of these students in school. It is necessary that teachers have specific training to deal with autistic students, as well as knowledge about the disorder and its characteristics. The research highlights the importance of teacher training to ensure inclusive and quality education for autistic students. It is concluded that continuing education is essential for teachers to deal with the specificities of autistic students and ensure their school inclusion. In addition, it is important that public policies and school managers invest in teacher training in order to ensure inclusive and quality education for all students.

KEYWORDS: Teacher education. School inclusion. Autism.

RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo comprender la formación docente desde la perspectiva de la inclusión de estudiantes autistas. La metodología de este estudio consiste en una revisión de la literatura en las bases de datos SciELO, PePSIC y Google Scholar de 2017 a 2023, buscando identificar los principales desafíos que enfrentan los docentes. El análisis resultó en dos categorías: el proceso de inclusión de estudiantes autistas y la formación de maestros. Entre los hallazgos, se

¹ Mestranda em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Psicóloga. Especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental. Professora do Atendimento Educacional Especializado do Município de Fortaleza-CE.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO DE ESTUDANTES AUTISTAS: UMA REVISÃO NARRATIVA
Francisca Thanisia de Freitas Falcão

destaca la falta de preparación de los maestros, perjudicando el desempeño y la inclusión de estos estudiantes en la escuela. Es necesario que los profesores tengan una formación específica para tratar con el alumnado autista, así como conocimientos sobre el trastorno y sus características. La investigación destaca la importancia de la formación docente para garantizar una educación inclusiva y de calidad para los estudiantes autistas. Se concluye que la educación continua es esencial para que los maestros se ocupen de las especificidades de los estudiantes autistas y garanticen su inclusión escolar. Además, es importante que las políticas públicas y los gestores escolares inviertan en la formación docente para garantizar una educación inclusiva y de calidad para todos los estudiantes.

PALABRAS CLAVE: *Formación docente. Inclusión escolar. Autismo.*

INTRODUÇÃO

De acordo com Silva e Lameiro (2019) a educação especial, no Brasil, teve origem em um período de exclusão e segregação das pessoas com deficiência, quando eram mantidas à margem da sociedade. Surgiu inicialmente como um conceito assistencialista, com a criação da "roda dos expostos", um dispositivo em que bebês eram abandonados e recolhidos por instituições. Posteriormente, houve uma transição para o período de integração, em que se buscava educar as crianças com deficiência dentro de suas capacidades, visando à cura por meio da educação. Nesse contexto, surgiram as primeiras instituições para crianças com deficiência, como o Instituto Benjamin Constant e o Instituto de Surdos e Mudos. No entanto, questionou-se se a simples integração seria suficiente ou se a inclusão deveria ser promovida de forma mais abrangente. Assim, a educação especial passou a buscar a inclusão como objetivo, visando ao acesso, qualidade de ensino e autonomia dos indivíduos com deficiência na sociedade. Para isso, são necessários professores capacitados e políticas públicas adequadas.

A Declaração de Salamanca, de 1994, foi um marco importante nessa área, estabelecendo o ideal de respeito às diferenças e às individualidades. No entanto, ainda existem desafios a serem superados, como a falta de preparo dos professores e a necessidade de desconstrução de conceitos históricos e culturais. "Para a garantia da aprendizagem de todos os alunos, precisamos assegurar o acesso ao currículo escolar, por meio de práticas pedagógicas diferenciadas que atendam aos percursos de aprendizagem de cada estudante" (MIRANDA; GALVÃO, 2012, p. 20).

A educação especial compreende diferentes tipos de atendimento, como salas de inclusão, atendimento educacional especializado em sala de recurso, atendimento itinerante e atendimento institucional em instituições como as Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). O Ministério da Educação (MEC) destaca a que a efetivação da educação especial depende da articulação entre a equipe escolar e a família dos estudantes, além do comprometimento do professor e da busca por aprimoramento profissional. A inclusão não requer práticas de ensino específicas para cada deficiência, mas sim um ensino de qualidade que leve em consideração os limites e possibilidades de cada estudante. (BRASIL, 2001).

A presente pesquisa teve como objetivo investigar a formação de professores na perspectiva da inclusão de estudantes autistas. Para isso, realizou-se uma revisão da literatura dos últimos seis anos, nas bases de dados SciELO, PePSIC e Google Scholar no período de 2017 a 2023, buscando



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO DE ESTUDANTES AUTISTAS: UMA REVISÃO NARRATIVA
Francisca Thanisia de Freitas Falcão

identificar os principais desafios enfrentados pela classe docente. Desse modo, a pesquisa resultou em uma série de estudos que abordam esse tema.

Nos últimos anos, a inclusão escolar de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem se tornado um tema cada vez mais relevante na área da educação. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) os dados estatísticos revelam um crescimento na ocorrência e na frequência do autismo. (IBGE, 2022). Para compreender os desafios e oportunidades da inclusão, é crucial considerar a formação dos professores e sua habilidade em lidar com as necessidades particulares desses estudantes. Além disso, é importante destacar que a inclusão escolar de estudantes com autismo pode trazer benefícios significativos para esses estudantes, como o progresso das habilidades sociais e emocionais, bem como a promoção de uma educação mais diversa e inclusiva.

Um estudo realizado por Cunha (2017) aborda a importância da inclusão escolar, os autores destacam a necessidade de uma abordagem centrada no aluno e adaptada às suas necessidades individuais, bem como o papel fundamental dos professores na construção de um ambiente inclusivo e acolhedor.

Outro estudo relevante foi realizado por Queiroz e Guerreiro (2019) que relataram em sua pesquisa, a importância de priorizar o investimento na formação dos professores. Seguindo essa linha de pensamento, as autoras sugerem que seja dada uma maior atenção para além dos diagnósticos, direcionando recursos para o suporte e a capacitação docente. Destacam inclusive que os professores enfrentam diversos desafios na inclusão, como a falta de formação adequada, a falta de recursos e apoio, e a dificuldade em adaptar o currículo.

Além da importância de investir na formação dos professores e realizar pesquisas para avaliar as intervenções propostas, outro aspecto significativo para a promoção da educação inclusiva é o uso de tecnologias assistivas. Um estudo conduzido por Nascimento *et al.*, (2021) aborda especificamente a utilização dessas tecnologias na inclusão escolar de autistas. Os autores ressaltam que as tecnologias assistivas desempenham um papel fundamental ao oferecer recursos que podem auxiliar no desenvolvimento da comunicação e na promoção da interação social desses estudantes. Além disso, essas ferramentas tecnológicas podem ser utilizadas como suporte para o aprendizado, adaptando os conteúdos e tornando-os mais acessíveis.

Ainda conforme Nascimento *et al.*, (2021), a utilização das tecnologias assistivas, especialmente no campo da comunicação alternativa, tem se mostrado essencial para auxiliar pessoas com TEA a superarem as dificuldades de interação social e comunicação. As tecnologias de comunicação aumentativa e alternativa, como os sistemas de troca de cartões, são amplamente utilizadas por indivíduos com TEA para facilitar a expressão de suas necessidades e desejos. Além disso, as tecnologias assistivas podem ser classificadas em diferentes níveis de gravidade do TEA, oferecendo apoio adequado de acordo com as necessidades individuais. Em suma, as tecnologias assistivas de comunicação alternativa mostram-se eficazes para contornar as barreiras comunicativas enfrentadas por pessoas com TEA.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO DE ESTUDANTES AUTISTAS: UMA REVISÃO NARRATIVA
Francisca Thanisia de Freitas Falcão

Dessa forma, ao considerar tanto os estudos que enfatizam a formação dos professores e a avaliação das intervenções quanto a importância das tecnologias assistivas, é possível criar um ambiente escolar mais inclusivo, que valorize a individualidade dos estudantes e ofereça suporte adequado para seu desenvolvimento acadêmico, social e emocional. A combinação dessas abordagens fortalece os esforços em prol da educação inclusiva, ampliando as oportunidades de aprendizado e promovendo a participação plena de todos os estudantes.

Outro estudo relevante, foi de Araújo *et al.*, (2022) que destacou a importância de uma abordagem inclusiva no ensino de língua estrangeira para estudantes com autismo. Os autores enfatizam a necessidade de adaptações curriculares e de estratégias específicas para atender às necessidades desses estudantes, bem como a importância de uma abordagem centrada no aluno e adaptada aos seus interesses e habilidades. Isto é, estudos sugerem que o domínio da língua estrangeira, como o inglês, pode contribuir para o desenvolvimento cognitivo e a comunicação das crianças com autismo.

No entanto, ainda segundo Araújo *et al.*, (2022) há escassez de pesquisas sobre a formação de professores de línguas estrangeiras e autismo, especialmente no contexto nacional. A tecnologia assistiva é destacada como uma ferramenta essencial no ensino para pessoas com autismo, e a colaboração entre universidades e escolas regulares é fundamental para gerar resultados que promovam mudanças nos dois ambientes. É necessário refletir sobre a necessidade de mudança e a inclusão dessas temáticas nos cursos de formação de professores, visando aprimorar o ensino e o suporte oferecido aos estudantes com autismo.

Diante do exposto, esses estudos reforçam a importância da formação de professores, da colaboração entre profissionais e da utilização de tecnologias assistivas na inclusão escolar de estudantes com autismo. Além disso, destacam a importância de uma abordagem centrada no aluno e adaptada às suas necessidades e interesses.

O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

De acordo com a *American Psychiatric Association-Apa* (2014), o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais- 5ª edição (DSM-5) é um manual de diagnóstico utilizado por profissionais de saúde mental para classificar e identificar transtornos mentais. Em relação ao transtorno do espectro autista (TEA), as novas diretrizes recomendam que indivíduos que foram previamente diagnosticados com transtorno autista, transtorno de Asperger ou transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação, devem ser diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista-TEA (APA, 2014, p. 37).

Além disso, o DSM-5 indica que indivíduos que apresentam *déficits* significativos na comunicação social, mas não preenchem todos os critérios para TEA, devem ser avaliados em relação ao transtorno da comunicação social pragmática. Isso significa que esses indivíduos podem ser diagnosticados com esse transtorno caso apresentem problemas na comunicação social, mas não tenham todos os sintomas necessários para serem diagnosticados com TEA. É comum que indivíduos apresentem mais de um transtorno do neurodesenvolvimento, como no caso de pessoas



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO DE ESTUDANTES AUTISTAS: UMA REVISÃO NARRATIVA
Francisca Thanisia de Freitas Falcão

com transtorno do espectro autista que também apresentam deficiência intelectual (transtorno do desenvolvimento intelectual) e crianças com transtorno do *déficit* de atenção com hiperatividade (TDAH) que também têm um transtorno específico da aprendizagem. Alguns transtornos podem apresentar sintomas de excesso e *déficits*, bem como atrasos no desenvolvimento esperado. Para o diagnóstico de transtorno do espectro autista, por exemplo, é necessário que haja *déficits* em comunicação social acompanhados por comportamentos repetitivos, interesses restritos e insistência em rotinas ou padrões (APA, 2014, p. 49).

Acredita-se que o aumento da identificação ocorra, em parte, devido ao maior conhecimento sobre essas condições e aos critérios diagnósticos mais abrangentes. É importante ressaltar que o TEA apresenta uma grande variabilidade na forma como se manifesta, por meio dos prejuízos na interação social, comportamento, comunicação e ao grau de comprometimento intelectual. Estudos sugerem que cerca de 50% das pessoas com TEA apresentam algum grau de deficiência intelectual, afetando significativamente seu desempenho escolar (FRANÇA *et al.*, 2020, p.14).

Estima-se, atualmente, que a prevalência do autismo seja de uma pessoa afetada em cada 100 pessoas. O aumento da identificação ocorre, possivelmente, porque essas condições são mais conhecidas atualmente e porque os critérios diagnósticos são mais abrangentes. Existe uma grande variabilidade na apresentação do TEA, no que diz respeito tanto aos prejuízos em interação social, comportamento e comunicação quanto ao grau de eventual comprometimento intelectual. Estudos indicam que cerca de 50% das pessoas com TEA apresentam algum grau de deficiência intelectual, que impactaria diretamente nas atividades relacionadas à sua escolarização (FRANÇA *et al.*, 2020, p. 14)

Segundo Silva e Ruivo (2020), a psiquiatra da infância Dra. Lorna Wing propôs uma análise do Transtorno do Espectro Autista (TEA) baseada em três pilares: prejuízo da socialização, prejuízo na linguagem verbal e não verbal e comportamentos repetitivos ou estereotipados. O primeiro pilar, prejuízo da socialização, se refere à dificuldade que pessoas com TEA têm em estabelecer relações sociais significativas. Essa dificuldade pode se manifestar em comportamentos como evitar o contato visual, não demonstrar interesse em outras pessoas e não compreender as normas sociais básicas. O segundo pilar, prejuízo na linguagem verbal e não verbal, se refere às dificuldades que pessoas com TEA têm em se comunicar. Isso pode incluir a ausência de habilidades para iniciar e manter uma conversa, dificuldade em entender o uso das expressões faciais e corporais e uma compreensão literal e inflexível das palavras. O terceiro pilar são os comportamentos repetitivos ou estereotipados, se refere à presença de padrões de comportamento repetitivos e inflexíveis. Isso pode incluir a insistência em seguir rotinas fixas, interesse restrito em determinados assuntos e a repetição de movimentos ou palavras (SILVA; RUIVO, 2020, p. 61, *apud* TEIXEIRA, 2016).

Ainda, de acordo com Silva e Ruivo (2020) esses três pilares, propostos por Lorna Wing, são parâmetros para entender o TEA como uma condição complexa e multifacetada. É fundamental que sejam considerados na avaliação e no tratamento de pessoas com TEA, de forma a garantir uma abordagem completa e efetiva da condição. O conhecimento desses pilares também pode ajudar pais



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO DE ESTUDANTES AUTISTAS: UMA REVISÃO NARRATIVA
Francisca Thanisia de Freitas Falcão

e educadores a compreenderem melhor as necessidades das pessoas com TEA e a criar um ambiente mais acolhedor e inclusivo para elas (SILVA; RUIVO, 2020, p. 61, *apud* TEIXEIRA, 2016).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurobiológica que afeta a comunicação, a interação social e o comportamento do indivíduo (SILVA; LOBO, 2023, p. 380, *apud* OHLWEILER, 2016). Embora haja muita variação na maneira como o TEA se manifesta, muitas características comuns são descritas pelos três pilares propostos por Lorna Wing. Um aspecto importante do prejuízo da socialização é a dificuldade que pessoas com TEA têm em interpretar e responder às emoções e intenções dos outros. Isso pode levar a um comportamento aparentemente indiferente ou inapropriado em situações sociais, e pode resultar em isolamento e dificuldades em fazer amizades (SILVA; RUIVO, 2020, p. 61, *apud* TEIXEIRA, 2016).

O prejuízo na linguagem verbal e não verbal é outra característica central do TEA. Muitas pessoas com TEA têm dificuldade em entender e usar a comunicação verbal e não verbal de maneira eficaz. Isso pode levar a dificuldades na compreensão de piadas, ironias e outras formas de linguagem figurativa, bem como a um uso limitado de gestos e expressões faciais para se comunicar. Os comportamentos repetitivos e estereotipados podem se manifestar de várias maneiras diferentes. Algumas pessoas com TEA têm rotinas fixas e rituais considerados importantes para elas, enquanto outras podem se concentrar em interesses restritos ou em tarefas específicas. Além disso, muitas pessoas com TEA têm dificuldade em lidar com mudanças na rotina ou em lidar com situações imprevisíveis (SILVA; RUIVO, 2020, p. 61, *apud* TEIXEIRA, 2016).

Embora o TEA apresente muitos desafios, é importante lembrar que as pessoas com TEA têm habilidades e interesses únicos que merecem ser valorizados. A inclusão social e educacional é essencial para garantir que as pessoas com TEA possam se desenvolver e contribuir para suas comunidades da melhor maneira possível. Isso inclui a criação de ambientes acolhedores e inclusivos que considerem as necessidades e habilidades individuais, independentemente de suas diferenças.

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), a comunicação de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode ser classificada em três níveis, sendo o primeiro nível aquele em que a criança necessita de apoio para interagir socialmente devido a dificuldades notórias na comunicação. No segundo nível, a criança precisa de um apoio substancial para se comunicar, tanto verbal quanto não-verbal, e mesmo assim pode não obter sucesso mesmo quando a iniciativa parte do outro. Já no terceiro nível, a criança apresenta dificuldades graves na comunicação, verbal e não-verbal, afetando seriamente seu funcionamento e exigindo um apoio muito substancial (SILVA; RUIVO, 2020, p. 61, *apud* TEIXEIRA, 2016).

O nível 1 é descrito como "Exige apoio" e indica que a pessoa com TEA tem dificuldades notórias em sua comunicação quando está sem apoio, para permitir uma interação social. Isso pode incluir dificuldades em iniciar e manter uma conversa, dificuldades em entender as emoções e intenções dos outros e dificuldades em interpretar e usar gestos e expressões faciais apropriados. Esses indivíduos podem ter dificuldade em fazer amigos e manter relacionamentos sociais significativos.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO DE ESTUDANTES AUTISTAS: UMA REVISÃO NARRATIVA
Francisca Thanisia de Freitas Falcão

O nível 2 é descrito como "Exige apoio substancial" e indica que a pessoa com TEA tem dificuldades na comunicação verbal e não verbal, não obtém sucesso ainda que a iniciativa parta do outro. Isso pode incluir dificuldades em seguir as regras sociais e entender a linguagem não verbal. Esses indivíduos podem ter dificuldade em entender as necessidades dos outros e se expressar de forma clara e eficaz. Como resultado, as pessoas com TEA no nível 2 podem precisar de apoio significativo em suas atividades diárias, incluindo em sua educação e no ambiente de trabalho. No entanto, com o suporte adequado e intervenções terapêuticas, é possível melhorar as habilidades de comunicação e interação social desses indivíduos, permitindo que eles vivam uma vida mais independente e satisfatória.

O nível 3 é descrito como "Exige apoio muito substancial" e indica que a pessoa com TEA tem dificuldades na comunicação verbal e não verbal com prejuízo de funcionamento. Isso pode incluir a ausência de fala ou linguagem verbal significativa, e dificuldades em se comunicar de forma não verbal, como gestos e expressões faciais. Esses indivíduos podem precisar de suporte constante em sua vida diária para se comunicar e interagir uns com os outros. Portanto, as pessoas com TEA no nível 3 podem precisar de apoio constante em sua vida diária, incluindo em atividades básicas, como cuidados pessoais, alimentação e vestuário. No entanto, com intervenções terapêuticas adequadas, é possível melhorar as habilidades de comunicação e interação desses indivíduos, permitindo que eles participem mais plenamente da vida social.

É importante notar que esses níveis não são usados para diagnosticar TEA, mas para avaliar a gravidade dos sintomas. O diagnóstico de TEA é feito a partir de uma avaliação abrangente do comportamento e histórico de desenvolvimento da criança ou indivíduo, e os níveis de gravidade podem ser usados para ajudar a identificar a melhor forma de apoio e intervenção.

Os níveis de gravidade mencionados anteriormente podem ser usados para ajudar a identificar a melhor forma de apoio e intervenção para o indivíduo com TEA. Cada nível de gravidade apresenta desafios e necessidades específicas, e a compreensão do nível de gravidade pode ajudar os profissionais de saúde e educadores a personalizar o suporte e intervir de acordo com as necessidades da pessoa. É importante lembrar que o diagnóstico de TEA não define uma pessoa. Cada indivíduo é único, e o objetivo do diagnóstico é fornecer suporte e intervenção adequados para maximizar o potencial da pessoa e ajudá-la a alcançar uma vida plena e significativa.

Segundo Keinert e Antoniuk (2017) as crianças pequenas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) podem apresentar vários *déficits* nas habilidades sociais e de comunicação, dificultando a interação com outras pessoas e o compartilhamento de ideias e sentimentos. Os *déficits* podem ter impactos significativos em suas vidas diárias. Além de dificultar a interação com outras pessoas, essas dificuldades também podem afetar a aprendizagem e a participação em atividades escolares e sociais.

Um dos principais sintomas do TEA é a dificuldade de interações com as pessoas e estabelecer relações interpessoais. Isso pode levar a comportamentos isolados e a uma relutância em participar de atividades em grupo. Além disso, crianças com TEA podem apresentar uma ausência de imitação dos outros, o que dificulta a aprendizagem por observação e a compreensão de



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO DE ESTUDANTES AUTISTAS: UMA REVISÃO NARRATIVA
Francisca Thanisia de Freitas Falcão

normas sociais. Outro desafio para crianças com TEA é a dificuldade em iniciar interações sociais e compartilhar emoções (APA, 2014, p. 50). Isso pode levar a uma comunicação limitada e a dificuldades em expressar pensamentos e sentimentos. Essas dificuldades podem afetar o desenvolvimento social e emocional da criança, além de dificultar a interação com os demais membros da família e com os colegas de escola.

Diante desses desafios, é importante que as crianças com TEA recebam um tratamento adequado e individualizado, que inclua terapias comportamentais e educacionais. Essas terapias podem ajudar a desenvolver as habilidades sociais e de comunicação, além de auxiliar na integração social e emocional da criança. Além disso, é importante que os pais, familiares e educadores sejam orientados e capacitados para lidar com as necessidades específicas das crianças com TEA, criando um ambiente acolhedor e inclusivo que permita o seu pleno desenvolvimento.

Ainda, conforme mencionado por Keinert e Antoniuk (2017) crianças pequenas com TEA apresentam dificuldades em se engajar em interações sociais, compartilhar ideias e sentimentos e imitar os outros. Elas podem ter dificuldade em iniciar interações sociais e compartilhar emoções, mesmo que sejam capazes de pronunciar as palavras de forma convencional e tenham inteligência normal ou acima da média. Isso pode levar a dificuldades para se comunicar de forma socialmente adequada, interagir de forma autônoma e se adaptar a diferentes atividades.

A inclusão escolar de estudantes com autismo pode ser um desafio para educadores, pais e para o próprio estudante. Para que a inclusão escolar seja efetiva, é importante que haja um trabalho conjunto entre pais, escola e profissionais de saúde, como psicólogos e terapeutas ocupacionais. O primeiro passo é garantir que o estudante tenha acesso a um ambiente físico e social seguro e acolhedor, que permita que ele se sinta confortável e confiante em sua aprendizagem. É fundamental que os educadores tenham formação adequada para lidar com estudantes autistas, incluindo conhecimentos sobre estratégias de ensino e comunicação que possam ser adaptadas às necessidades específicas do estudante. Além disso, é importante que a escola ofereça recursos e suportes, como tecnologia assistiva, materiais pedagógicos adaptados e acompanhamento de profissionais especializados.

É indiscutível que a escola precisa promover a inclusão social do estudante autista, estimulando a interação com os demais colegas e trabalhando para criar um ambiente de empatia e respeito à diversidade. Ações como a formação de grupos de apoio e a promoção de atividades inclusivas podem ajudar a criar um ambiente mais acolhedor e inclusivo para o estudante autista. Além de ser uma obrigação legal, promover a inclusão social de estudantes com autismo é fundamental para o desenvolvimento e bem-estar desses estudantes. A escola tem um papel crucial nesse processo, já que é um espaço privilegiado de socialização e aprendizagem.

INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM TEA

A Educação Inclusiva é um tema que vem sendo amplamente estudado por educadores e pesquisadores de diversas áreas, devido à sua importância na busca por uma educação de qualidade e equidade para todos, incluindo aqueles com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Promover uma

RECIMA21 - Ciências Exatas e da Terra, Sociais, da Saúde, Humanas e Engenharia/Tecnologia



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO DE ESTUDANTES AUTISTAS: UMA REVISÃO NARRATIVA
Francisca Thanisia de Freitas Falcão

Educação Inclusiva para estudantes com TEA é um desafio que requer uma reflexão sobre práticas pedagógicas, uma vez que esses estudantes apresentam características únicas.

Segundo Silva Neto *et al.*, (2018) a tarefa de promover a inclusão na escola não é simples e representa um desafio tanto para os professores quanto para escola. No entanto, a experiência de muitos docentes demonstra que é possível proporcionar uma educação de qualidade e inclusiva para estudantes com TEA, desde que haja uma preparação adequada.

Com efeito, os professores que se deparam com estudantes autistas, precisam adaptar suas práticas pedagógicas, de acordo com as barreiras e potencialidades de cada estudante. Caso contrário, enfrentarão dificuldades em trabalhar determinados assuntos com esses estudantes, já que, dependendo da deficiência, será necessário criar meios acessíveis para contribuir com o ensino e a aprendizagem de forma inclusiva.

Ainda, de acordo com Silva Neto *et al.*, (2018) a rotina do professor muda significativamente quando ele precisa lidar com alunos especiais em sala de aula, especialmente porque muitos professores não têm formação específica para atender a essa clientela. Para ajudar a lidar com essa situação, é importante que o professor realize pesquisas bibliográficas, participe de palestras, minicursos, mesa-redonda e outras atividades para adquirir o conhecimento necessário para trabalhar com estudantes especiais.

Dessa forma, é possível garantir um ensino inclusivo e de qualidade, independentemente de suas necessidades educacionais especiais. Ao lidar com estudantes incluídos em sala de aula, muitos professores enfrentam um grande desafio, já que não possuem formação específica para atender essa clientela. Para superar essa dificuldade, é imprescindível que o docente busque aprimorar seus conhecimentos, sua formação.

De acordo com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) é fundamental considerar a Educação Especial como uma prática transversal que permeia toda a formação dos profissionais da educação, tanto da Educação Especial quanto das classes regulares. Essa medida é necessária para garantir a indissociabilidade entre a Educação Especial e a formação dos demais profissionais da educação.

A inclusão só é possível quando todos os profissionais da educação estão capacitados e sensibilizados para trabalhar com a diversidade. Portanto, a Educação Especial deve ser pensada como uma prática que perpassa todas as áreas da educação, não apenas como um segmento isolado e apartado das demais práticas educativas. A formação dos docentes deve considerar não apenas as estratégias pedagógicas para a inclusão dos estudantes com deficiência, mas também a sensibilização para as diferenças individuais e o desenvolvimento de práticas inclusivas que promovam a aprendizagem significativa e a valorização da diversidade.

O estudo realizado por Souza *et al.*, (2021) analisou a formação de professores no contexto da inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no período de 2019 a 2021. Os resultados indicaram que os estudos privilegiam processos formativos que envolvem intervenções educacionais com base em análise do comportamento, formação colaborativa e práticas pedagógicas inovadoras. Contudo, a formação docente atual para lidar com a inclusão de estudantes com TEA foi

RECIMA21 - Ciências Exatas e da Terra, Sociais, da Saúde, Humanas e Engenharia/Tecnologia



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO DE ESTUDANTES AUTISTAS: UMA REVISÃO NARRATIVA
Francisca Thanisia de Freitas Falcão

considerada deficitária, com muitos professores apresentando desconhecimento sobre as características básicas do transtorno. Isso resulta em despreparo no atendimento desses estudantes, principalmente em situações de crise e no manejo comportamental.

Ainda segundo os autores, uma limitação do estudo foi a escassez de pesquisas sobre formação de professores e estratégias pedagógicas para o ensino de estudantes com TEA nos anos analisados. No entanto, foi observado um aumento de estudos relacionados à inclusão de pessoas com TEA nos anos anteriores, possivelmente influenciado por leis que garantem os direitos das pessoas com deficiência. O estudo ressalta a importância de ampliar as produções acadêmicas voltadas para a compreensão e análise dos fatores indispensáveis para a inclusão de pessoas com TEA, enfatizando que a formação de professores é fundamental nesse processo de inclusão educacional.

A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

No Brasil, a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, assegura o acesso à escola para estudantes com autismo ou outros transtornos que necessitam de cuidados especiais. Para garantir um atendimento adequado, é fundamental incentivar a capacitação de profissionais especializados no cuidado de pessoas com Transtorno do Espectro Autista. Além do aspecto educacional, é de extrema importância estimular a realização de pesquisas científicas nessa área, priorizando estudos epidemiológicos que permitam compreender a dimensão e as características do autismo no país. (BRASIL, 2012)

Inquestionavelmente, a formação de professores para lidar com estudantes com TEA é um tema de grande importância para garantir a inclusão de todas as crianças e jovens na escola, independentemente de suas habilidades, necessidades educacionais especiais ou origens socioeconômicas. Além disso, é importante destacar que a formação de professores não se restringe apenas à capacitação técnica e pedagógica, mas também envolve a formação de uma postura crítica e reflexiva, capaz de entender e lidar com as diferenças individuais dos estudantes.

Muitos professores e professoras reconhecem a necessidade de receberem uma formação profissional que os capacite para lidar com estudantes com deficiência, oferecendo-lhes autonomia em sua atuação. No entanto, tem-se evidenciado que esses processos de formação adquirem significado quando se integram aos saberes de suas experiências de vida, suas experiências individuais, indo além dos espaços de formação (MIRANDA; GALVÃO FILHO, 2012, p.12).

Dessa forma, os professores devem estar preparados para identificar as necessidades educacionais especiais de cada estudante, bem como para adaptar suas práticas pedagógicas e metodologias de ensino para atender a diversidade de habilidades e aprendizagens. Para isso, é necessário que a formação de professores esteja sempre em constante atualização e em sintonia com as demandas atuais da sociedade, a fim de garantir uma educação de qualidade e inclusiva para todos os estudantes.

De acordo com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva - PNEEPEI (2015), a educação inclusiva busca garantir que todos os estudantes tenham as



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO DE ESTUDANTES AUTISTAS: UMA REVISÃO NARRATIVA
Francisca Thanisia de Freitas Falcão

mesmas oportunidades de aprendizado e desenvolvimento, respeitando suas diferenças e necessidades individuais. Para que isso aconteça, é fundamental que os professores estejam preparados para lidar com a diversidade de estudantes em suas salas de aula. A formação de professores para a educação inclusiva deve abranger diversos aspectos, como a compreensão das diferenças individuais e das necessidades educacionais especiais dos estudantes, a adoção de práticas pedagógicas inclusivas, o desenvolvimento de estratégias de avaliação que considerem a diversidade dos estudantes, entre outros.

A formação dos professores deve incluir a sensibilização para a importância da inclusão na sociedade como um todo e o desenvolvimento de habilidades de comunicação e colaboração para trabalhar em equipe com outros profissionais e familiares dos estudantes. É importante ressaltar que a formação de professores para a educação inclusiva não é um processo único e definitivo, mas sim um processo contínuo de aprendizado e atualização, que deve acompanhar as mudanças e avanços na área da inclusão e na sociedade como um todo. Um aspecto importante trazido por Guimarães *et al.*, (2022) que reforça a necessidade da formação: “Para ter sucesso na formação de professores, é necessário cultivar o desejo de estudar a própria prática docente entre os professores” (GUIMARÃES *et al.*, 2022, p. 3).

Nessa perspectiva, destaca-se a importância de não apenas os professores, mas também todos os profissionais que atuam na escola, estarem preparados para lidar com a diversidade dos estudantes. A formação continuada, portanto, é um dos elementos essenciais para que os profissionais da educação possam atuar de forma eficaz em relação aos estudantes sob sua responsabilidade, tanto na sala de aula quanto no ambiente escolar como um todo. Esses profissionais devem oferecer um atendimento educacional adequado às condições e necessidades dos estudantes, indo além da simples inclusão física desses estudantes no ambiente escolar (MIRANDA; GALVÃO FILHO, 2012, p. 33).

A inclusão de estudantes autistas na sala de aula é um desafio que exige formação e capacitação dos professores. Como afirma Pimentel e Ribeiro (2021) a formação de professores inclusiva vai além de métodos de ensino e recursos tecnológicos, envolvendo a construção de novos conhecimentos sobre os estudantes e suas necessidades educacionais, bem como uma reflexão sobre as práticas consolidadas dos professores. Essa formação requer um currículo que considere a relação entre a especificidade pedagógica e a generalidade, além de reflexões sobre a realidade local.

De acordo com Guimarães *et al.*, (2023) a educação especial é uma área que enfrenta desafios significativos quando se trata da formação de professores. Infelizmente, essa área ainda está em estado alerta, com a falta de formações específicas de formação docente voltados para a educação especial. Essa situação é preocupante, uma vez que a formação adequada dos professores é crucial para garantir o atendimento adequado e inclusivo aos alunos com necessidades educacionais especiais.

Atualmente, a maioria dos programas de formação de professores aborda a educação especial apenas de maneira superficial, muitas vezes inserida nos cursos de pedagogia. Isso resulta

RECIMA21 - Ciências Exatas e da Terra, Sociais, da Saúde, Humanas e Engenharia/Tecnologia



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO DE ESTUDANTES AUTISTAS: UMA REVISÃO NARRATIVA
Francisca Thanisia de Freitas Falcão

em uma preparação insuficiente para lidar com as demandas complexas e específicas desse campo. “A educação especial, que em relação à formação de professores ainda está em estado aberto, faltam programas específicos de formação de professores, sendo mencionada apenas nos cursos de pedagogia” (GUIMARÃES *et al.*, 2023, p. 3).

A pesquisa realizada por Soares *et al.*, (2023) analisou as concepções dos acadêmicos de um curso de licenciatura em Pedagogia sobre educação inclusiva, destacando a importância da formação inicial, suas conexões com a inclusão e os fundamentos da psicologia histórico-cultural. Os dados revelaram que os acadêmicos esperam um conhecimento prático que os capacite a trabalhar com estudantes com deficiência, mostrando a necessidade de aprender o “como fazer”. No entanto, defende-se uma formação teoricamente consistente que também promova uma reflexão sobre a prática pedagógica, possibilitando a construção de novos significados sobre a inclusão e levando a mudanças na forma de pensar, sentir e agir em relação aos estudantes com deficiência.

A pesquisa, baseada na abordagem colaborativa, contribuiu para o conhecimento e a ampliação da compreensão dos estudantes de Pedagogia, enfatizando a importância de uma formação que valorize a autonomia e a reflexão crítica do estudante. A formação inicial para educação inclusiva ainda precisa avançar, indo além da inclusão de disciplinas ou discussões sobre o tema. É necessário estabelecer pontos de interseção entre todas as disciplinas do curso, reconhecendo que a diferença é inerente e transcende os limites da escola.

Para Soares *et al.*, (2023) é fundamental proporcionar uma formação inicial aos professores que promova a construção de práticas educacionais inclusivas, abordando os aspectos relacionados aos estudantes com deficiência e às relações cotidianas desde o ambiente universitário. Ou seja, é fundamental que as instituições de ensino e os órgãos responsáveis pela formação de professores tenham em mente que a formação docente é um processo contínuo e que deve ser constantemente atualizado e aprimorado. Somente assim será possível garantir uma educação inclusiva e de qualidade, que atenda às necessidades de todos os estudantes, independentemente de suas diferenças e limitações.

Desse modo, investir na formação de professores é essencial para garantir uma educação inclusiva e de qualidade, que atenda às necessidades de todos os estudantes e que contribua para a formação de indivíduos críticos, reflexivos e capazes de conviver com a diversidade. Para lidar com as demandas específicas dos estudantes autistas, é necessário que os professores tenham conhecimentos sobre as características do espectro autista, estratégias de ensino e metodologias que favoreçam o aprendizado desses estudantes.

Segundo Ramos e Silva (2022) é essencial valorizar o conhecimento prático na formação continuada, não considerando os professores como meros executores de tarefas diárias, focados apenas nos resultados e nas demandas operacionais. Os professores são seres historicamente constituídos, com dimensões técnica, estética, ética e política que fazem parte integrante do trabalho docente. Portanto, a perspectiva para a formação continuada dos professores é baseada na integração entre teoria e prática, conhecida como práxis. Essa abordagem reconhece que a formação deve estar enraizada no mundo real, interferindo na realidade e transformando-a por meio da relação

RECIMA21 - Ciências Exatas e da Terra, Sociais, da Saúde, Humanas e Engenharia/Tecnologia



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO DE ESTUDANTES AUTISTAS: UMA REVISÃO NARRATIVA
Francisca Thanisia de Freitas Falcão

entre prática e teoria, considerando conteúdo, forma, objetividade e subjetividade, com o objetivo de promover a transformação. Essa formação também reflete a prática dos professores de forma coletiva e é baseada nos princípios de emancipação, autonomia e liberdade, atendendo à diversidade humana e buscando a inclusão de todos em sua totalidade.

Ainda, segundo Ramos e Silva (2022) tanto a educação básica quanto a educação especial vão além das salas de aula, assumindo uma dimensão política e social clara. Portanto, a formação dos professores deve ser embasada em uma sólida base teórica e reflexões críticas sobre a prática pedagógica. Para alcançar uma formação continuada voltada para a emancipação e criticidade, em meio a políticas públicas neoliberais, é necessário criar um contexto escolar inclusivo que envolva estudantes com autismo e combater a hegemonia por meio da luta coletiva. Isso envolve a discussão e ações para quebrar paradigmas tanto dentro do ambiente escolar como na sociedade em geral.

Ademais, é essencial que as instituições de ensino invistam na formação dos professores, para que estes possam oferecer uma educação de qualidade para todos os estudantes, incluindo aqueles com autismo. Como destaca Oliveira (2020), uma formação efetiva dos professores é essencial para viabilizar uma educação inclusiva e de qualidade. Ao receber a notícia de que um estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA) será incluído em sua sala de aula, é natural que os educadores sintam insegurança. Por isso, é importante que o professor esteja atento a alguns comportamentos básicos para identificar e atender às necessidades desse estudante.

Para identificar o estudante com TEA em sala de aula, o professor deve observar se ele apresenta dificuldades para interpretar sinais, se gosta de repetir as mesmas atividades, se é muito inteligente, se segue rotinas diárias, se apresenta comportamentos específicos, se tem linguagem corporal incomum, se não consegue manter contato visual com outras pessoas, se apresenta atraso na coordenação motora fina e grossa, se não tem sutileza na fala e se é sensível a estímulos como luz intensa, barulhos ou texturas de objetos.

Vale lembrar que existem diferentes graus de TEA, portanto, é necessário um diagnóstico preciso realizado por profissionais especialistas. Uma vez que o diagnóstico é confirmado, é fundamental que o professor trabalhe em conjunto com os pais e profissionais especializados para desenvolver um plano de ensino individualizado e adequado às necessidades do estudante com TEA. Para isso, o professor deve buscar capacitação e formação específica para lidar com a inclusão de estudantes com TEA e adotar estratégias pedagógicas que promovam a inclusão e a interação do estudante com seus colegas. Além disso, é fundamental que o professor mantenha uma comunicação clara e aberta com os pais do estudante e demais profissionais envolvidos no processo educacional, a fim de garantir um acompanhamento adequado e efetivo do estudante com TEA.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento do presente estudo foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa em sua metodologia, buscando descrever fenômenos e eventos. Quanto aos procedimentos metodológicos, baseia-se em fontes bibliográficas e é conduzido por meio de uma revisão narrativa, que consiste na análise e síntese de informações disponíveis em diversos estudos.

RECIMA21 - Ciências Exatas e da Terra, Sociais, da Saúde, Humanas e Engenharia/Tecnologia



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO DE ESTUDANTES AUTISTAS: UMA REVISÃO NARRATIVA
Francisca Thanisia de Freitas Falcão

A revisão narrativa é uma abordagem amplamente utilizada na área acadêmica para revisar a literatura de forma não sistematizada. Um estudo realizado por Casarin *et al.*, (2020) discutiu a importância dessa abordagem, destacando seus pontos fortes e suas limitações.

De acordo com os autores, a revisão narrativa é uma ferramenta útil para buscar atualizações sobre um determinado assunto em um curto período de tempo. Ela fornece ao revisor um suporte teórico rápido, permitindo que ele obtenha uma visão geral do estado da arte de um determinado tema. Além disso, a revisão narrativa pode ser útil na descrição do contexto teórico de um assunto específico, permitindo uma compreensão mais abrangente do tema em questão.

Inicialmente, a busca se deu a partir da análise de artigos cuja delimitação temporal fossem publicações entre os anos de 2017 e 2023, nos periódicos nacionais indexados nas bases de dados SciELO, PePSIC e Google Scholar, tendo como critérios de inclusão: artigos científicos publicados nos últimos 6 anos, em português, disponíveis na íntegra, e que abordassem a temática sobre o processo de inclusão de autistas e formação de professores. Utilizou-se, portanto, as seguintes palavras-chave: Formação de professores, Inclusão escolar, Autismo, no idioma português. O período de busca foi entre os meses de janeiro a junho de 2023, a partir das palavras “autismo” and “inclusão escolar” and “formação de professores”. Os critérios de inclusão foram: artigos, disponíveis na íntegra em meio eletrônico, redigidos em língua portuguesa. Os critérios utilizados para de exclusão foram: pesquisas em teses e ou dissertações.

ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os artigos selecionados abordam o tema do autismo e sua inclusão na escola. Eles destacam a problemática da formação docente, que ainda é insuficiente para lidar com as demandas educacionais dos estudantes com autismo. O trabalho pedagógico é fundamental para a efetivação das políticas de inclusão, e os professores precisam estar preparados para lidar com as especificidades do espectro autista. Alguns autores enfatizam a importância da família e da escola trabalharem em conjunto para garantir a inclusão de estudantes com autismo. A tecnologia também é vista como uma aliada na formação de professores e na promoção da inclusão escolar. Além disso, são apresentados estratégias e sinais de alerta para identificar estudantes com autismo e proporcionar um ambiente escolar mais acolhedor e inclusivo.

No entanto, há desafios a serem enfrentados, como a falta de recursos e apoio para implementação de políticas de inclusão efetivas, além da necessidade de mudanças nas práticas pedagógicas e na cultura escolar para garantir a inclusão de estudantes com autismo. A formação docente é um aspecto fundamental nesse processo, e é necessário investir em capacitação e atualização dos professores para garantir uma educação inclusiva e de qualidade para todos os estudantes. A partir dos artigos mencionados, é possível perceber que a inclusão escolar de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um tema complexo e desafiador, que envolve diversos aspectos, como a formação docente, a adaptação do ambiente escolar, a utilização de tecnologias assistivas e a parceria com a família do estudante.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO DE ESTUDANTES AUTISTAS: UMA REVISÃO NARRATIVA
Francisca Thanisia de Freitas Falcão

A formação de professores é fundamental para garantir uma educação de qualidade e inclusiva para estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O professor precisa ter conhecimentos específicos sobre o TEA e suas características, bem como estratégias e metodologias adequadas para atender às necessidades desse público. Verifica-se ainda que a formação deve contemplar não só aspectos teóricos, mas também práticos, com a vivência em sala de aula e a observação do desempenho dos estudantes com TEA. É importante que o professor esteja atualizado sobre as pesquisas e as evidências científicas relacionadas ao ensino para pessoas com TEA, para que possa aplicar as estratégias mais efetivas em sua prática pedagógica.

Além disso, a formação também deve contemplar a questão da inclusão escolar e da diversidade, pois o professor precisa estar preparado para receber estudantes com diferentes necessidades educacionais e promover a convivência entre eles de forma respeitosa e harmoniosa. Dentre os achados, destaca-se a importância da formação docente, que ainda é um desafio a ser superado. Muitos professores relatam insegurança e falta de conhecimento para lidar com estudantes com TEA em sala de aula. Além disso, é importante destacar que a inclusão escolar não depende apenas da boa vontade do professor, mas também de políticas públicas que garantam a formação continuada e recursos para adequação do ambiente escolar. Outro aspecto importante discutido nos artigos é a parceria com a família do estudante com TEA. É essencial que a escola estabeleça um diálogo aberto e constante com a família, a fim de conhecer as especificidades do estudante e garantir uma adaptação adequada do ambiente escolar.

Nesse sentido, os artigos ressaltam a importância de a escola reconhecer a família como um parceiro fundamental no processo de inclusão. É importante destacar a utilização de tecnologias assistivas no processo de inclusão escolar de estudantes com TEA. Alguns dos artigos discutem a utilização de jogos e aplicativos que podem auxiliar no desenvolvimento de habilidades sociais e de comunicação dos estudantes. Contudo, as tecnologias assistivas devem ser utilizadas de forma adequada e em conjunto com outras estratégias pedagógicas. Evidencia-se que a inclusão escolar de estudantes com TEA é um desafio complexo e que envolve diversos aspectos. É fundamental que a escola esteja preparada para atender as necessidades específicas desses estudantes, garantindo uma formação docente adequada, a parceria com a família e a utilização de tecnologias assistivas de forma adequada.

CONSIDERAÇÕES

Com base nos artigos selecionados, podemos concluir que a inclusão escolar de estudantes com transtorno do espectro autista é um desafio importante para a educação inclusiva. É necessário que os professores e a escola como um todo estejam preparados para receber esses estudantes e promover a sua inclusão de maneira efetiva. Para isso, é fundamental que haja uma formação docente adequada, que contemple não apenas a compreensão do transtorno do espectro autista, mas também estratégias e práticas pedagógicas inclusivas que permitam a adaptação do ambiente escolar. Além disso, é importante envolver também as famílias nesse processo, para que possam colaborar com a escola na promoção da inclusão e no desenvolvimento do estudante com autismo.

RECIMA21 - Ciências Exatas e da Terra, Sociais, da Saúde, Humanas e Engenharia/Tecnologia



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO DE ESTUDANTES AUTISTAS: UMA REVISÃO NARRATIVA
Francisca Thanisia de Freitas Falcão

Nesse sentido, os artigos apresentam diferentes abordagens e propostas para lidar com a inclusão escolar de estudantes com transtorno do espectro autista, mostrando a importância de um olhar multidisciplinar e integrado para a promoção da inclusão e do desenvolvimento desses estudantes. Com base nos artigos apresentados, podemos concluir que a inclusão escolar de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) ainda é um desafio a ser enfrentado pela sociedade e pelas instituições de ensino. O TEA é um transtorno que afeta a comunicação, interação social e comportamentos repetitivos, e pode trazer dificuldades para a participação na escola e na sociedade em geral.

A formação adequada de professores é essencial para garantir uma educação inclusiva e de qualidade para estudantes com TEA. Além disso, a utilização de tecnologias e estratégias de ensino diferenciadas também pode ser útil para atender às necessidades dos estudantes. Porém, a inclusão escolar de estudantes com TEA também depende do envolvimento da família e da comunidade em geral. É importante que haja uma conscientização sobre as necessidades e a importância da inclusão na sociedade. É fundamental reconhecer que a inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas escolas regulares é uma responsabilidade coletiva, que envolve um esforço conjunto de todos os envolvidos na educação. Isso inclui escolas, professores, famílias e comunidade.

É importante destacar, que a formação dos professores é essencial para garantir que os estudantes com autismo recebam o suporte adequado. É importante que os professores tenham uma compreensão clara do transtorno do espectro autista, assim como das estratégias e práticas pedagógicas inclusivas que podem ser usadas para apoiar esses estudantes. Entretanto, a família também tem um papel importante a desempenhar na inclusão escolar. Elas devem ser envolvidas no processo educacional do estudante, a fim de colaborar com a escola na promoção da inclusão e no desenvolvimento do estudante com autismo.

Por todos esses aspectos, é importante reconhecer os benefícios da inclusão escolar. Estudos mostram que a inclusão pode levar a melhorias significativas no desempenho acadêmico, na autoestima e na capacidade de socialização dos estudantes com autismo. Em resumo, a inclusão escolar de estudantes com transtorno do espectro autista é um desafio importante para a educação inclusiva. É necessário que a escola como um todo esteja preparada para receber esses estudantes e que haja uma formação docente adequada, estratégias e práticas pedagógicas inclusivas, além da colaboração das famílias. A inclusão escolar pode trazer benefícios significativos para o estudante com autismo, além de contribuir para uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

Portanto, para garantir uma inclusão efetiva e respeitosa de estudantes com TEA, é preciso que todos os envolvidos estejam comprometidos em criar um ambiente inclusivo e acolhedor. As escolas devem oferecer um ambiente físico e social adaptado às necessidades dos estudantes com TEA, com recursos que permitam a sua participação e aprendizagem. Os professores devem ser capacitados para trabalhar com esses estudantes, conhecendo suas especificidades e necessidades, e criando estratégias pedagógicas que sejam eficazes para sua aprendizagem. Além disso, as famílias têm um papel importante na inclusão de estudantes com TEA, devendo ser parceiras da

RECIMA21 - Ciências Exatas e da Terra, Sociais, da Saúde, Humanas e Engenharia/Tecnologia



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO DE ESTUDANTES AUTISTAS: UMA REVISÃO NARRATIVA
Francisca Thanisia de Freitas Falcão

escola e dos professores no processo de ensino e aprendizagem. A comunidade também pode colaborar, por meio de campanhas de conscientização e inclusão, que ajudem a combater o preconceito e promovam a inclusão social desses estudantes.

Mediante o que foi apresentado nesta revisão, verifica-se que os achados na pesquisa revelaram a importância da formação de professores para trabalhar com a inclusão não somente de estudantes com TEA, mas com as deficiências de modo geral. Dessa forma, sugere-se a indicação para pesquisas futuras haja vista a necessidade de estudar a formação dos professores no campo da inclusão, pois acredita-se no poder do conhecimento para que de fato a prática se constitua em sua excelência.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. [S. l.]: Associação Americana de Psiquiatria, 2014.

ARAÚJO, L.; LARRÉ, J.; FABRÍCIO, K. Professor de línguas estrangeiras, autismo e tecnologia assistiva: uma reflexão. In: **ALFABETIZAÇÃO, LINGUAGENS E LETRAMENTOS, GT 23, LETRAMENTOS E ENSINO DE LÍNGUAS**. São Paulo: Editora Realize, 2022. p. 879. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/ebooks/conbrale/2022/ebook01/TRABALHO_EV180_MD5_ID96_2_TB146_03102022154259.pdf. Acesso em: 20 maio 2023.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: UNESCO, 1994.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 12 fev. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacional da Educação Especial na Educação Básica**. Brasília: MEC; SEESP, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília Ministério da Educação, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politicaeducoespecial.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/dir_tea.pdf. Acesso em: 28 mar. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de jul. de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 05 abr. 2023.

CASARIN, S. T.; PORTO, A. R.; GABATZ, R. I. B.; BONOW, C. A.; RIBEIRO, J. P.; MOTA, M. S. Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do Journal of Nursing and Health. **J. Nurs. Health.**, [S. l.], v. 10, n. esp., p. e20104031, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/19924>. Acesso em: 21 jun. 2023.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO DE ESTUDANTES AUTISTAS: UMA REVISÃO NARRATIVA
Francisca Thanisia de Freitas Falcão

CUNHA, E. **Autismo e inclusão**: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família. 7. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017.

FRANÇA, G.; PINHO, K. R. **Autismo**: Tecnologias e formação de professores para a escola pública. Palmas: i-Acadêmica, 2020.

GUIMARAES JUNIOR, J. C.; SILVA, M. L. A.; OLIVEIRA, P. dos S. C.; FONSECA, E. J. F.; ALMEIDA, L. F.; OLIVEIRA, H.; SILVA, S. L. C.; FERNANDES, W. O. B.; SALES, R. L. Teacher training for basic education in an inclusive perspective of teaching: perceptions and reflections based on national scientific literature. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 10, p. e339111032905, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i10.32905. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/32905>. Acesso em: 19 jun. 2023.

GUIMARÃES, A. U.; BONATTO, V. A.; SOUSA, M. C. M.; BATISTA, J. B. S. REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES – UMA ABORDAGEM HISTÓRICA. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar**, v. 4, n. 2, p. e422658, 2023. DOI: 10.47820/recima21.v4i2.2658. Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/2658>. Acesso em: 10 maio 2023.

GUIMARÃES, A. U.; SANTOS, O. E.; ROQUE, M. S.; SANTOS, C. T. FORMAÇÃO DE PROFESSORES E INCLUSÃO ESCOLAR DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA - REVISÃO DE LITERATURA. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar**, v. 3, n. 12, p. e3122262, 2022. DOI: 10.47820/recima21.v3i12.2262. Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/2262>. Acesso em: 10 jun. 2023.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Uma pergunta que abre portas**: questão sobre autismo no Censo 2022 possibilita avanços para a comunidade TEA. Brasília: IBGE, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/noticias-por-estado/36346-uma-pergunta-que-abre-portas-questao-sobre-autismo-no-censo-2022-possibilita-avancos-para-a-comunidade-tea#:~:text=A%20inclus%C3%A3o%20do%20tema%20na.da%20pr%C3%B3pria%20comunidade%20autista%20brasileira>. Acesso em: 22 jun. 2023.

KEINERT, M. H. J. M.; ANTONIUK, S. A. **Espectro Autista: O que é? O que fazer?** 2. ed. Curitiba: Íthala, 2017.

MIRANDA, T. G.; GALVÃO FILHO, T. A. (Org.) **O professor e a educação inclusiva**: formação, práticas e lugares. Salvador: EDUFBA, 2012. 491 p.

NASCIMENTO, F. C.; CHAGAS, G. S.; CHAGAS, F. S. As tecnologias assistivas como forma de comunicação alternativa para pessoas com transtorno do espectro autista. **Revista Educação Pública**, v. 21, n. 16, 4 maio 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/16/as-tecnologias-assistivas-como-forma-de-comunicacao-alternativa-para-pessoas-com-transtorno-do-espectro-autista>

OLIVEIRA, F. L. Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista. **Revista Educação Pública**, v. 20, n. 34, 8 set. 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/34/joseph-autismo-e-inclusao-escolar-os-desafios-da-inclusao-do-aluno-autista>. Acesso em: 08 abr. 2023.

PIMENTEL, S. C.; RIBEIRO, S. L. Política de formação de professores para educação inclusiva: reflexões a partir do Plano Nacional de Educação. **Cenários Educacionais**, [S. l.], v. 4, p. e11763, 2021. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/11763>. Acesso em: 21 jun. 2023.

QUEIROZ, J. G. B. A.; GUERREIRO, E. M. B. R. Política Educacional e Pedagógica da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva na Rede de Ensino Público de Manaus. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 25, n. 2, p. 233–248, abr. 2019.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO DE ESTUDANTES AUTISTAS: UMA REVISÃO NARRATIVA
Francisca Thanisia de Freitas Falcão

RAMOS, C. C. R. C.; SILVA, K. A. C. P. C. Formação continuada de professores na perspectiva da inclusão com estudantes com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Internacional de Formação de Professores (RIFP)**, Itapetinga, v. 7, n. e022015, p. 1-23, 2022.

SILVA NETO, A. O.; ÁVILA, Éverton G.; SALES, T. R. R.; AMORIM, S. S.; NUNES, A. K. F.; SANTOS, V. M. Educação inclusiva: uma escola para todos. **Revista Educação Especial**, [S. l.], v. 31, n. 60, p. 81-92, 2018. DOI: 10.5902/1984686X24091. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/24091>. Acesso em: 21 jun. 2023.

SILVA, A. M.; LAMEIRO R. D. A formação de professores no Brasil no contexto da educação especial. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação- REASE**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 578, jan. 2022. ISSN 2675-3375. Disponível em: doi.org/10.51891/rease.v8i1.3834. Acesso em: 12 jun. 2023.

SILVA, F. M. S.; LOBO, A. Processo metonímico de categorização básica realizado por crianças e jovens com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na cidade de Piripiri-PI. **Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, [S. l.], v. 30, n. 59, p. 375-394, jun. 2023. ISSN 2446-6905. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/70964>. Acesso em: 10 jul. 2023. doi: <https://doi.org/10.12957/matraga.2023.70964>.

SILVA, S. R.; RUIVO, S. R. F. A atuação do psicopedagogo com a criança com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Construção Psicopedagógica**, v. 28, n. 29, p. 61-70, 2020. <http://dx.doi.org/10.37388/CP2020/v28n29a06>.

SOARES, A. C. S.; NASCIMENTO, R. M. do; FALCÃO, G. M. B. Formação inicial de professores e grupo de estudos: Concepções de acadêmicos para uma educação inclusiva. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 27, n. esp.1, p. e023012, 2023. DOI: 10.22633/rpge.v27iesp.1.17931. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/17931>. Acesso em: 21 jun. 2023.

SOUZA, J. R.; MARTINS, M. F. A.; Barcelos, K. S. A formação docente na perspectiva da inclusão do aluno com Transtorno do Espectro Autista: uma análise do Estado do Conhecimento. **Conjecturas**, v. 22, n. 14, 2021. ISSN: 1657-5830. DOI: 10.53660/CONJ-1637-2E06.